

GILBERT SIMONDON E O INTERVALO COMUNICACIONAL

GILBERT SIMONDON AND THE COMMUNICATIONAL INTERVAL

Demétrio Rocha Pereira*

Alexandre Rocha da Silva (*in memoriam*)**

RESUMO:

Este artigo investiga como Gilbert Simondon articula potências corporais a um recorte incorporeal ou expressivo da comunicação. O texto detecta as menções à comunicação na tese principal de doutoramento de Simondon, defendida em 1958, para distinguir operações intervalares que, longe de assegurarem a transmissão de palavras de ordem, zigzagueiam entre ordens incompatíveis para produzir e conservar blocos ricos em tensão. Um recorte semiótico se destacará gradualmente, enquanto a leitura da tese permita falsear descrições dualistas da individuação; afirmar a disparidade de perspectivas desde uma zona problemática pré-individual; surpreender a comunicação condensando afetos desde soluções cristalinas; e positivar a disparidade afetiva como motor para um excedente expressivo, extraído às misturas corporais.

PALAVRAS-CHAVE:

Comunicação, Simondon, corpo, expressão, semiótica.

ABSTRACT:

This article investigates how Gilbert Simondon articulates bodily forces to a incorporeal or expressive superficiality recut of communication. The text detects explicit mentions of communication in Simondon's main doctorate thesis, presented in 1958, to distinguish implicit operations which, far from securing the transmission of commands, zigzag between incompatible orders to produce and maintain blocks full of tension. A semiotic (un)framing will gradually come to light, while the thesis allows us to falsify dualist descriptions of individuation; affirm the disparity of perspectives from a pre-individual problematic zone; surprise a communication which condenses affects within

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. E-mail: demetrio.pereira@gmail.com

** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Comunicação.

crystalline solutions; and contemplate affective disparity as a trigger for an expressive surplus, extracted from bodily mixtures.

KEYWORDS:

Communication, Simondon, body, expression, semiotics.

INTRODUÇÃO

Percorrer a tese principal de Gilbert Simondon (2020) filtrando a sequência “communi” levou-nos a computar quase 100 ocorrências, que abarcam desde o infinitivo communi-quer até formas compostas como intercommunication. Recolhemos as mais corriqueiras acepções - sinonímia com publicização, crítica à repartição de ondas televisivas na França etc. -, mas, rasante ao coração da tese, a comunicação insistia em repontar numa consistência peculiar, como deixa entrever a primeira frase da conclusão:

Conceber a individuação como operação, e como operação de comunicação, portanto como operação primeira, é aceitar um certo número de postulados ontológicos; é também descobrir o fundamento de uma normatividade, pois o indivíduo não é a única realidade, o único modelo do ser, mas somente uma fase. Entretanto, ele é mais que uma parte de um todo, uma vez que ele é germe de uma totalidade (SIMONDON, 2020, p. 471, grifo do autor).

A comunicação aí desequilibra fundamentos ontológicos, e o individuado vira fase de um acontecimento, teatro de efeitos responsivos a tensões pré-individuais. Esse caráter tensivo sugeria uma individuação comunicante, já que a tensão se explicava por um desnível problemático entre ordens de grandeza. O centro do ser assim se marginalizava e se distendia, escapando à própria identidade, a todo começo e a todo fim. Os centros deixavam de fornecer pontos de referência, e o referente mesmo se descentrava: a comunicação não estava dentro ou fora, descerrada no intervalo em que interior e exterior alteravam-se reciprocamente. Não apenas os indivíduos eram compostos: os compostos assumiam a coesão do encontro e portavam uma diferença propriamente comunicacional. Mas corremos depressa - desenredemos os problemas que a individuação põe em jogo.

IMPLICAÇÃO DA DISPARIDADE EM MEIOS COMUNICANTES

A serviço seja de uma individualidade substancial, seja de uma estrita e universal organização hierárquica, os dualismos encobririam a inventividade da comunicação. Simondon surpreende implícita em teoria da informação uma hierarquia da forma sobre

a matéria que remonta ao hilemorfismo aristotélico. Pensando o indivíduo como composto de forma e matéria, Aristóteles ainda não explica as condições do encontro desse par de atributos. Quando passa a indagar o individuado a partir da individuação, invertendo o hábito de conhecer a individuação a partir do individuado, Simondon (2020, p. 110) estará, com efeito, apresentando a comunicação a Aristóteles: “Uma situação hilemórfica é uma situação na qual só há forma e matéria, logo, dois níveis de realidade sem comunicação. A instituição dessa comunicação entre níveis - com transformações energéticas - é o encetante da individuação”. E ainda: “Aquilo que falta ao esquema hilemórfico é a indicação da condição de comunicação e de equilíbrio metaestável, isto é, da condição de ressonância interna num meio determinado, que pode ser designada pelo termo físico sistema” (SIMONDON, 2020, p. 78).

Por ter generalizado uma representação insuficiente da atividade técnica¹, o hilemorfismo recai em um pernicioso dualismo ontológico, donde a teoria da comunicação nasce, fomentando a transmissão de formas simbólicas, assim assimiladas aos comandos e às ordens de fabricação. Observe-se de passagem que, da noção de forma, Simondon dispensa precisamente a sinonímia com arquétipo, herança platônica que mede a adequação das cópias sensíveis a um modelo ideal. Uma tecnocracia do proprietário de terra embalaria um modelo de sociedade que distribui, nos esquemas clássicos da comunicação, os lugares do mestre e do escravo, notadamente nas figuras do emissor e do receptor, com as quais um ideal de redundância pretende se elevar sobre um meio ruidoso para conduzir uma recepção obediente. Uma linguagem dualista consentiria que um agente se impusesse sobre um padecente dócil e carente de sentido próprio, e a teoria da comunicação serviria aos interesses de docilizar os corpos e domesticar a terra, subordinar suas tendências, uniformizar suas regiões.

Se um primeiro momento da crítica ao hilemorfismo deve lembrar que ordens de fabricação não modelam a terra bruta sem o intermédio da força de trabalho, um segundo e mais profundo investimento crítico recomenda que experimentemos a perspectiva dos materiais, a ver que, enquanto vira tijolo, uma população molecular em cada ponto atua como centro de forças reverberantes ao longo da argila: “a matéria é matéria porque abriga uma propriedade positiva que lhe permite ser modelada” (SIMONDON, 2020, p. 44). Potenciais vagam na terra úmida em dispersão coloidal, donde as consistências de um tijolo, de uma nuvem, do mel e do sangue. Simondon concebe a matéria pela aptidão de amplificar potenciais em todas as

direções, indefinidamente. Para que se individue um tijolo, a dispersão esbarra nas paredes de um molde como em condições topológicas de atualização. Chamaremos “forma” um tal condicionamento estrutural do alastramento molecular, desde que a forma se inscreva no seio mesmo das forças materiais: “há operação comum e num mesmo nível de existência entre matéria e forma; esse nível comum de existência é o da *força*” (SIMONDON, 2020, p. 45, grifo do autor).

Súbito, a comunicação agora questiona a ideia de que formas transcendentais descem sobre uma matéria inerte. Considera, ao contrário, que a informação germina desde uma terra rica e vibrante, capacitando-se a experimentar formas que, do simples ao complexo, do inframolecular ao cósmico, exprimem acontecimentos no seio da matéria, sintomas de comunicação entre ordens antes incompatíveis, dimensões antes incomensuráveis:

Esse centro consistente do ser é o da comunicação entre ordens de grandeza - molar e molecular, interelementar e intraelementar; a partir desse centro, uma individuação rápida e iterativa dá uma realidade física; uma individuação lentificada, progressivamente organizada, dá o vivente (SIMONDON, 2020, p. 482).

A comunicação já não conduz as diferenças até a identidade ou o consenso - ela confere uma coesão própria à diferença, ela dá a persistir a diferença. O movimento comunicante será o de um ziguezague entre componentes que não preexistiam ao seu vaivém, desde já explicativo da coesão dos conceitos: “Um conceito não é nem a priori nem a posteriori, mas a *præsenti*, pois é uma comunicação informativa e interativa entre o que é maior e o que é menor que o indivíduo” (SIMONDON, 2020, p. 26). Menor que o indivíduo seriam os seus componentes, elementos ou partes; maior que o indivíduo, o coletivo futuro que nele se exprime e se modifica. Assim instituinte, e sem fundamento prévio que a sustente, a comunicação entra a articular corpos e conceitos.

Se encontramos matéria-forma em assimetria escalar, o que entender desse hífen incluído, que as implica no plano comum da força?

Jamais inspecionada à parte, a comunicação vagueia sem alarido entre os motivos dominantes da tese principal de Simondon. Desponta em nota de rodapé, na introdução, para esclarecer, por sua ausência, uma outra ideia: “a metaestabilidade geralmente supõe a presença simultânea de duas ordens de grandeza e a ausência de comunicação interativa entre elas” (SIMONDON, 2020, p. 18). A saturação metaestável aguardaria

interação entre ordens concorrentes e incompatíveis, pelo que a comunicação dispara desde uma simultaneidade paradoxal ou “problemática”.

Não é que falte ordem ao caos; é que o caos se diz de um recobrimento movente de ordens. Se as sabedorias antigas opunham o estável ao instável, a harmonia cósmica ao caos originário, é que ainda não dispunham de um conceito que viabilizasse um intermezzo, caso do conceito de metaestabilidade, que sugere uma suspensão acontecimental entre grandezas desniveladas. Uma história da comunicação será uma história dos acontecimentos: enquanto a assimetria preenche uma condição “energética”, singularidades preenchem a condição acontecimental que historiciza a comunicação. No acontecimento desnorteante, pende uma comunicação mediadora que recorte o caos a distribuir o micro e o macro, o dentro e o fora, o molecular e o cósmico: “Nem a forma nem a matéria são suficientes. O verdadeiro princípio de individuação é mediação” (SIMONDON, 2020, p. 20).

Para cada acontecimento suspensivo, uma mediação movente, o hífen incluído da comunicação portando uma diferença de natureza em relação aos seus termos: “a mediação não é da mesma natureza que os termos: ela é tensão, potencial” (SIMONDON, 2020, p. 365). A comunicação é mediadora enquanto alude a algo de terceiro em que se possam discernir díades, como entre um conteúdo estruturante e uma expressão estruturável. O que Simondon (2020, p. 78) chama de indivíduo não aparece em primeiro, sequer em segundo lugar - será algo de terceiro², para que as tensões diádicas se desdobrem e se encenem: “o indivíduo é, ao contrário, teatro e agente de uma relação; só acessoriamente ele pode ser termo, pois é essencialmente teatro ou agente de uma comunicação interativa”.

A comunicação desdobra modos de atuar, e os indivíduos se determinam como hecceidades, acontecimentos entre acontecimentos. Por isso mesmo, a comunicação já não supõe que os indivíduos devam se adaptar a qualquer meio preexistente. A comunicação vai mais longe do que a adaptação, afirmando a contemporaneidade e a reciprocidade criativa entre indivíduo e meio. Quando fala de uma realidade pré-individual, Simondon não refere um fundo paisagístico que contextualizasse as figurações aparentes: os sistemas figura-fundo recortam um intervalo crítico implicado no comunicar e em vias de comunicar, e o pré-individual se diz dos efeitos que a cada vez esse intervalo desenvolve, donde o filósofo não canse de insistir numa existência atual dos potenciais. Se o pré-individual não deve ser confundido com a

matéria sobre a qual o hilemorfismo impunha ordem, é porque não supõe uma inércia carente de ordenação, trazendo notícia de uma miríade de ordenações moventes recobrando-se sem solução.

O pré-individual não dá a ideia de um nada ou de qualquer coisa: o seu suspense vai repleto de limiares acontecimentais, que são as singularidades pelas quais perspectivas concorrentes desde já comunicam, ressoam umas nas outras e defasam-se de si. Duas ordens então concorrem enquanto inscritas em uma arena terceira, delicadamente ressoante, uma vez que o menor encontro pode revirá-la toda. Nessa terceira realidade, os indivíduos serão efeitos atmosféricos e atmosferas de efeitos – o resultado e o tabuleiro, o ato e o palco:

O que é primeiro é esse sistema de ressonância interna, singular, da relação alagmática entre duas ordens de grandeza. [...] O indivíduo é realidade de uma relação constituinte, e não interioridade de um termo constituído. [...] O indivíduo se individua e é individuado antes de qualquer distinção possível do extrínseco e do intrínseco. A terceira realidade, que nomeamos meio, ou sistema energético constituinte, não deve ser concebida como um novo termo que se adicionaria à forma e à matéria: é a atividade mesma da relação, a realidade da relação entre duas ordens que se comunicam através de uma singularidade (SIMONDON, 2020, p. 77).

Simondon (2020, p. 79) evita representar a comunicação como uma síntese de contrários ou um agrupamento arbitrário imposto pelo espírito; prefere uma coerência de desdobramento, de resolução, de repartição, vocabulário que entra em sua definição do símbolo, hecceidade em que um encontro de forças deveio exprimível: “Ele [o indivíduo] é somente o símbolo complementar de um outro real, o meio associado”. As encenações dualistas da comunicação dissimulavam essa concorrência de intensidades na solução simbólica. Na pesquisa das soluções (mistos individuados), um empirismo puramente indutivo escamotearia sua implicação não tanto subjetiva quanto comunicacional ou interpretante:

[...] qualquer andamento regressivo que vise remontar, a partir das realidades individuadas, à individuação, descobrirá num certo ponto uma realidade outra, uma realidade suplementar, que pode ser diversamente interpretada segundo as pressuposições do sistema de pensamento no qual se efetua a busca (SIMONDON, 2020, p. 80).

Se não a interpreta como síntese de opostos ou agrupamento arbitrário, como Simondon caracteriza a diferença suplementar com que a comunicação simbólica pareceria sobrevoar seus componentes? Do embate casual de forças, a comunicação compatibilizante extrai um sentido aproximável às noções de funcionamento e

de finalidade: “A verdadeira exceidade é uma exceidade funcional, e a finalidade acha sua origem nesse embasamento de exceidade que ela traduz em funcionamento orientado, em mediação amplificante entre ordens de grandeza primitivamente sem comunicação” (SIMONDON, 2020, p. 83). Nessa altura, andaremos sem pressa, se uma crítica às teleologias e ao utilitarismo ainda prepara uma crítica simondoniana dos finalismos. Esparsos e breves seus comentários explícitos à política, é por amizade aos materiais que Simondon transgride as subordinações das forças menores a qualquer dinamismo finalizado; então embrenha a linguagem em sutilezas microscópicas: festeja a sensação na argila, a vontade na madeira, o devir na válvula; observa minúsculas sociedades de variações arranjando ressonância, primitiva comunicação que já permitiria condensar diferença adentro e amplificar diferença afora. Nessa sua infância primeira, a comunicação se esclareceria por um andamento corporal-expressivo chamado transdução.

Anunciando uma “pré-lógica”, a transdução quer afirmar uma comunicação que, em vez de anular a diferença das séries comunicantes, saiba conservá-la e prolongá-la enquanto tal, sem perda ou degradação. A grande tese de 1958 conhece toda solução individuada por “unidade transdutiva”, e fica para trabalhos futuros nuançar a transdução como fase primeira, conectiva, de máquinas complexas que envolverão também a modulação (fase seletiva, ou de corte) e a invenção (fase ativa ou, se quisermos, de recorte). Na tese aqui considerada, porém, é sempre o pensamento transdutivo que habilita a copresença dos díspares em um signo atmosférico, de coesão tensiva: “A individuação torna as tensões compatíveis, mas não as relaxa” (SIMONDON, 2020, p. 305).

A transdução se diz pré-lógica enquanto ultrapassa os princípios da identidade e do terceiro excluído, avizinando meio estruturante e meio estruturado numa relação de crescimento analógico, repetição periódica, motivo musical. Afinal se evidencia a possibilidade de graduar a individuação em níveis de comunicação interativa ou de ressonância: relativamente a virar cristal, iteração rítmica toda extrovertida no limite de si, difere um virar vegetal, que envolve singularidades em regimes expressivos, perpetuando comunicação entre o exterior e um meio subtérreo. O ser vivo é já um mediador, “núcleo de comunicação interativa entre uma ordem de realidade superior à sua dimensão e uma ordem inferior a esta, que ele organiza” (SIMONDON, 2020, p. 21). Forças do sol e forças da terra ressoam na floresta que as exprime.

DO BLOCO COMUNICANTE COMO RECORTE EXPRESSIVO

O indivíduo não advém por acidentes que acometessem de fora uma substância - é antes a repartição de um misto de forças em menor e maior, interior e exterior, passado e porvir. Se percebo qualquer coisa, é enquanto resolvo uma copresença de universos perceptivos incoerentes entre si. A realidade de um objeto, que Simondon admite por “excepcional”, estabiliza-se, contanto que resolvida uma pluralidade de pontos de vista inicialmente impossíveis. Onde um enfeixamento de relações diferenciais tenha extraído um percepto de um emaranhado de forças, não foi simplesmente por adicionar uma coisa após a outra, mas por ultrapassagem de limiares intensivos. O pensamento transdutivo volta a sugerir uma terceira natureza, desta vez como algo estranho à associação por contiguidade, e outra vez fazendo intervir, por atratores, certos limiares críticos de produção de efeitos.

Percebo uma certa repartição de luzes, sombras, calores, timbres. Um diagrama perceptivo supõe já uma repartição qualitativa que começa a esclarecer o que Simondon (2020, p. 391, grifo do autor) entende por signo: “há indivíduo quando houver processo de individuação real, ou seja, quando significações aparecem; o indivíduo é aquilo pelo qual e no qual significações aparecem”. Simondon concebe o signo como um horizonte suplementar que resolve problemas de disparidade sinalética, valendo assim dizer que, na visão binocular, a dimensão de profundidade “significa” a disparidade dos pontos de vista. A ação não se viabiliza sem o andamento sígnico com que, passo a passo, ela orienta o espaço. E, tal como dois registros imagéticos resolvem suas diferenças no horizonte, o signo encaminharia não uma redução da diferença, mas uma atmosfera de relâmpagos em que as diferenças comuniquem, persistam, propaguem.

Quando diz que a significação precede a linguagem verbal, em vez de pertencê-la, Simondon (2020, p. 369) atenta para um sem-fim de soluções qualitativas, oriundas de comunicações imperceptíveis: “a realidade que se nomeia comunicação das consciências poderia, com maior justeza, ser nomeada comunicação das subconsciências”. E, mais adiante: “As consciências não bastariam para assegurar uma comunicação; é preciso uma comunicação das condições das consciências para que a comunicação das consciências exista” (SIMONDON, 2020, p. 395). Essas condições, é o que temos visto, devolvem-se a uma indistinção pré-individual:

Se o conhecimento reencontra as linhas que permitem interpretar o mundo segundo as leis estáveis, não é porque existe[m] no sujeito formas a priori da sensibilidade, cuja coerência com os dados brutos, vindos do mundo pela sensação, seria inexplicável; é porque o ser como sujeito e o ser como objeto provêm da mesma realidade primitiva [...] (SIMONDON, 2020, p. 392).

O que pede, porém, o destacamento de uma individualização psíquica, se a individualização vital já assistia à composição de um Umwelt, como de um mundo orientado?

Não menos do que deduzir o pensamento de uma substância interior³, seria insuficiente absorvê-lo a uma concatenação perceptiva. Quando começamos a divisar interiores e exteriores, arriscamos esquecer que os efeitos da comunicação, em vez de pertencerem a um dos lados do limite, vivem na borda de si, ali onde viram outros a cada vez: “As verdadeiras propriedades do indivíduo estão no nível de sua gênese e, por essa mesma razão, no nível de sua relação com os outros seres” (SIMONDON, 2020, p. 122).

Dizemos “a cada vez” para lembrar que os dados da comunicação rolam em jogo distributivo, resistindo a explicações por determinismo causal desde um começo absoluto. É que a comunicação só resolve o caos pré-individual prolongando tensões e pontos críticos, “condição quântica de produção de um efeito” (SIMONDON, 2020, p. 156), donde as soluções permaneçam embrionárias ou, para dizer com esse filósofo, neotênicas.

A neotenia pretende diagnosticar, em biologia, organismos “atrasados” em seu desenvolvimento, com sinais de juventude prolongada. Simondon dispersa a neotenia para entrever um devir involutivo, uma margem desindividuante em cada individuação. Novas formas se desenvolvem tanto mais a comunicação amplifique suas margens indistintas, seus limiares que aguardavam prolongamento. A tese não descreve, pois, uma sucessão causal da formação mineral à formação orgânica e desta até os processos psicossociais. Os saltos de nível ocorrem não após ou sobre a forma passada, mas durante a comunicação, enquanto o passado se individua. A vida aprende a espera, suspende a individuação elementar e já não se encerra no aqui-agora, dispondo de um tempo de escolha no intervalo em que o passado retorna. O vivo, diz Simondon, é um cristal que não parou de nascer; seguindo essa hipótese, o animal se individuará ao suspender a individuação vegetal.

Quando estuda os organismos vivos, Simondon trata especialmente das membranas seletivas que conduzem as forças materiais até um equilíbrio homeostático. Mas, do

cristal mineral ao cristal vivente, a transdução já se descobre num jogo de dupla-face, transdução dita “indireta”, ziguezagueando entre uma diferenciação extrovertida e uma integração introvertida. A divisão fora-dentro ganhará nuance: defronte fluxos sensíveis, uma face “exterior” que apreenda diferenciais de direção, problematize movimentos, autonomize perceptos; defronte fluxos afetivos, uma face “interior” que apreenda diferenciais de devir, problematize destinos, autonomize afetos.

Tomada em seus extremos, a comunicação tensiona o objetivo e o subjetivo, repartição que não prescinde de andamento criativo, pois o recobrimento de ordens não prediz a solução que delas extrai um acoplamento percepto-afetivo, um bloco de movimento e duração: “um ser sistematizado, tendo uma essência como uma série tem sua razão, não poderia se desenvolver. O ser não está inteiramente contido em seu princípio, ou melhor, em seus princípios” (SIMONDON, 2020, p. 308).

Não é sem diferenciais afetivos que chego a perceber o mundo, e não é enquanto impureza que a emoção adere ao percebido, mas como um fator estruturante. Assim como a ação orientada porta um conjunto de soluções perceptivas, um percepto implica afetos que o movam e que propaguem nele:

A afetividade realiza um tipo de relação que, em termos de ação, seria conflito e, em termos de conhecimento, seria incompatibilidade; essa relação só pode existir no nível da afetividade, porque sua bipolaridade lhe permite fazer a unidade do heterogêneo; a qualidade é transdutiva por natureza, pois todo espectro qualitativo liga e distingue termos que não são nem idênticos nem estranhos uns aos outros; a identidade do sujeito é precisamente de tipo transdutivo, em particular através da primeira de todas as transdutividades, a do tempo, que pode, tanto quanto se queira, ser fragmentada em instantes ou apreendida como uma continuidade (SIMONDON, 2020, p. 237).

Voltaremos ao problema da heterogeneidade temporal, que já se vê estreitamente relacionado à afetividade. Por agora, importa notar que Simondon (2020, p. 379) faz grande caso da continuidade entre emoções e práticas, a ponto de alertar que sua exclusão recíproca malogra na alternativa entre uma ciência indiferente e uma fé autoindulgente⁴, “destroços de uma espiritualidade que fracassou”:

[A] emoção não é apenas mudança interna, amálgama do ser individuado e modificação de estruturas; ela é também um certo elã através de um universo que tem um sentido; ela é o sentido da ação. Inversamente, na emoção, mesmo interior ao sujeito, há uma ação implícita; a emoção estrutura topologicamente o ser; a emoção se prolonga no mundo sob forma de ação, assim como a ação se prolonga no sujeito sob forma de emoção [...]; é a mesma

realidade que apreendemos abstratamente em seus dois termos extremos, acreditando que eles bastam a si mesmos.

Se motivações afetivas tecem os refrões sobre os quais um cristal vem a perceber e agir, o que compele esse cristal a pensar, se não um encontro que rompe a regra afetiva que estabilizava o seu funcionamento?

Uma vez tendo dilatado as individuações das partículas e dos organismos, Simondon (2020, p. 347) sente que o problema afetivo anuncia uma individuação psicossocial, questão de um desnível tão decisivo quanto incerto: “Esse estado de metaestabilidade é comparável a um estado de conflito no qual o instante de maior incerteza é precisamente o instante mais decisivo”. É em seu desregramento que as qualidades afetivas têm a chance de afirmar sua heterogeneidade, de modo que o pensamento distinga não apenas as faces interior e exterior de uma membrana seletiva; no universo doravante chamado transindividual, comunicam-se o afetivo e o perceptivo, é dizer: um bloco sígnico (de)compõe-se em afetos e perceptos.

O que Simondon (2020, p. 456) chama de significação é um acontecimento de arte, uma tecnoestética⁵; sua amizade aos diagramas diz respeito não a uma geometria aplicada, mas à hecceidade mesma de uma cor, de um som, de uma emoção, cada “um” traçando-se por sintoma de tensões impessoais: “Não há diferença entre descobrir uma significação e existir coletivamente com o ser relativamente ao qual a significação é descoberta, pois a significação não é do ser, mas está entre os seres, ou melhor, através dos seres: ela é transindividual”.

Espectros suplementares comunicam-se no transindividual, e em bonitas páginas Simondon observa uma série de personagens que enfrentaram a solidão no percurso ao coletivo, aberto por um encontro desadaptativo, comprometedor das condições do perceber e do agir, que pareciam assegurar a unidade do mundo consigo mesmo. Não se trata de atrelar a capacidade de pensar a uma falta. O desnível que explica a comunicação transindividual é aquele de um excedente expressivo extraído aos corpos:

[...] é essa carga que é o princípio do transindividual; ela comunica diretamente com as outras realidades pré-individuais contidas nos outros indivíduos, como as malhas de uma rede comunicam umas com as outras, cada uma se ultrapassando na malha seguinte. Participando de uma realidade ativa, na qual ele é apenas uma malha, o ser individuado age no coletivo: a ação é essa troca em rede entre os indivíduos de um coletivo, troca que cria a ressonância interna do sistema assim formado (SIMONDON, 2020, p. 328).

O filósofo diz “individuação” enquanto partículas e corpos resolvem o ruído, a disparidade sensível entre o maior e o menor, entre o fora e o dentro. Agora que a disparidade afetiva escapa aos corpos, traçando um plano transindividual, Simondon prefere dizer “individualização”, passando a definir o signo pela coesão tensiva entre dois movimentos, um tendente aos conteúdos ou misturas corporais, o outro à expressão ou à autonomia dos efeitos: “a significação é dada pela coerência de duas ordens de realidade, a da individuação e a da individualização” (SIMONDON, 2020, p. 396-397).

Enquanto uma tendência individuante assiste à propagação de singularidades pré-individuais, uma tendência individualizante extrai espectros transindividuais ao composto individuado. Dir-se-ia que um movimento corta os fluxos para acontecer no corpo, enquanto o outro recorta o acontecimento para exprimir um excedente que escapa a toda atualização. Extraíndo aos corpos uma sobreimpressão incorpórea, ao espaço uma zona adimensional, a individualização também aponta para uma acronia pela qual o simultâneo e o sucessivo possam comunicar: “a transdutividade no nível psicológico se exprime pela relação entre a ordem transdutiva do simultâneo e a ordem transdutiva do sucessivo. Sem essa relação, a realidade psicológica não seria distinta da realidade física” (SIMONDON, 2020, p. 412).

Uma membrana seletiva cumpre mediação entre o interior e o exterior, estando vivo aquele organismo que condensasse um passado tombado de volta sobre o presente: “todo o conteúdo do espaço interior está topologicamente em contato com o conteúdo do espaço exterior sobre os limites do vivente; não há, com efeito, distância em topologia” (SIMONDON, 2020, p. 340). Mas era já em nível fisiológico que Simondon via a necessidade de articular uma topologia não euclidiana a um tempo puramente potencial, de modo que se espelhassem, nas frestas da ação, as desmesuras de um dentro-passado e de um fora-porvir. Essa estranha “dimensionalidade” decerto pedia alguma palavra capaz de

pensar a morfogênese, interpretar a significação das formas e compreender essa primeira relação do vivente ao universo e aos outros viventes [...]; antes mesmo das estruturas sensorio-motoras, devem existir estruturas cronológicas e topológicas, que são o universo dos tropismos, das tendências e dos instintos [...] (SIMONDON, 2020, p. 342).

A expectativa por um conceito adequado à desmesura talvez denuncie os limites englobantes do cronológico, ainda que Simondon o desobrigue de mensurar⁶. O estudo da individuação vital vai, em qualquer caso, encaminhando algo de não englobável⁷, até culminar na hipótese de que uma ciência axiomática está fadada a

fracassar, restando à filosofia persistir às margens do conhecimento. Simondon não des-trincha essa menção ao conhecimento, alusiva, inferimos, às balizas epistêmicas que o pensamento transdutivo ultrapassa, em proveito de uma atividade que viva às bordas de si, na iminência de virar outra coisa.

Terá sido preciso espriar a comunicação até que, no extremo da contiguidade espacial, a individualização avançasse outra repartição, permitindo destacar uma transversal expressiva das vertigens corporais. Sobreimpressão superficial, é sem espaço próprio que o pensamento cresce, “no limite da realidade física e da realidade biológica” (SIMONDON, 2020, p. 415).

Um percurso da comunicação que acompanhasse a tese sobre a individuação começaria relacionando o menor e o maior, dispersões moleculares e um limite de expansão molar, conteúdo estruturante e expressão estruturada. Um segundo momento chamaria atenção para uma topologia mediadora repartindo o interior e o exterior: uma membrana seletiva, uma pele vital multiplicando regimes expressivos. Mas essa segunda divisão ainda encobriria, dando-a por resolvida, uma fissura mais profunda entre intensidades afetivas e esquema perceptivo. Em vez de abrir caminho para uma subjetividade possuidora de si⁸, a autonomização das qualidades afetivas repropõe o problema do indivíduo à luz de um tempo propriamente espectral ou semiótico, extraído ao encontro histórico de forças materiais. Os espectros afetivos só se desprendem aos corpos enquanto também indagam por um tempo que se descolaria ao espaço. O transindividual é a hipótese de uma eternidade fugaz, comunicação incorporeal entre os corpos, “intemporal alocado entre duas realidades temporais” (SIMONDON, 2020, p. 430).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se soluções orgânicas mantinham o pensamento e o tempo recalcados sob a eficácia sensório-motora do hábito, chega a vez de sugerir que o estudo simondoniano da individuação vital dizia respeito não tanto à vida quanto a condicionamentos da vida. Quando extrai às subordinações fisiológicas uma inaudita potência vital, a individualização psicossocial também habilita reler os níveis precedentes como condensando tensões transindividuais que se incorporaram, que se temporalizaram ao passar: “realidade que se modifica e é modificada, sendo ao mesmo tempo o que ela deixa e o que ela toma, real enquanto relacional no meio de dois estados; ser da passagem, realidade passante, realidade enquanto passa, tal é a realidade transdutiva” (SIMONDON, 2020, p. 431).

Com efeito, os blocos comunicantes já se distinguiam por velocidade de individuação, e pendia uma paciente lentificação até que o filósofo apanhasse a comunicação no seu mais veloz. Querendo aí evitar a oposição entre uma mente eterna a uma matéria decaída em instantaneidade inerte, Simondon (2020, p. 430) aceita o vocabulário bis-substancialista apenas para preencher o intervalo com uma alma passante, que maquina devires corporais infinitamente desnivelados: “o corpo puro é a alma infinitamente passada ou infinitamente distanciada no porvir”. É nesse sentido que o signo, enquanto unidade transdutiva, cumpre a função dupla do teatro e da atriz:

a consciência é mediação entre dois devires corporais, movimento ascendente para o presente, movimento descendente a partir do presente. Poder-se-ia dizer que esse movimento de devir, procedendo etapa por etapa, é transdutivo. O verdadeiro esquema de transdução real é o tempo (SIMONDON, 2020, p. 431).

A individuação à luz das noções de forma e de informação honra o título ao fazer protagonista a informação, que ali se inscreve cerca de quatro vezes para cada menção à comunicação. Mas, se decerto aí vagueia, a comunicação vai rente a singularidades criadoras a desdobrar peças tensivas, os seus diferentes níveis de complexidade diferindo em velocidade. O destacamento de uma complexidade temporal não chega de inopino, e parece mesmo que as individuações física e vital assistiam a um alastramento comemorante do passado, enquanto o segundo movimento, que extrai do acontecimento uma imagem virtual, responde bem ao que Simondon quis chamar de individualização. Para a concorrência de imaginação e lembrança em uma terceiridade simbólica, encontraremos a contribuição mais explícita de Simondon em um curso datado de 1965, mas já convivem em 1958 as duas tendências, o crescimento de uma retomando a outra: “Cada pensamento, cada descoberta conceitual, cada surgimento afetivo é uma retomada da individuação primeira” (SIMONDON, 2020, p. 392).

Embora não apresentemos aqui um aprofundamento na tese complementar de Simondon (1989), importa considerar que aquele outro texto se define menos por temática do que por seu modo de desenvolver linguagem, movimento assinalado desde o título, que prediz uma demodulação de objetos. Esse desenredamento modal repartirá a realidade técnica em três níveis (elementos, indivíduos, conjuntos) articulados em processo de concretização. Um tal processo não bastaria a si mesmo: articulada a outras

modalidades do pensamento, a tecnicidade se vê incluída entre os efeitos de uma realidade estética em crescimento.

Se faz sentido evocar Jacques Derrida, diremos que Simondon defende em 1958 duas teses “desconstrucionistas”, que enfrentam a tradição filosófica de uma maneira muito peculiar, correndo em rastro ágil para buscar ferramentas em pesquisas das mais variadas especialidades, pedindo força à ciência no mesmo passo em que transborda o limite do observável. Esse rastro que desfaz o dado será a linha aberta da comunicação, linha ainda implícita, frequentemente recoberta por outros termos. Fica a comunicação pairando no horizonte do texto, e será preciso esperar um curso ministrado entre os anos de 1970 e 1971 para que vejamos esse filósofo esboçando de maneira mais explícita uma máquina comunicacional em três níveis: uma estética ecológica, uma ética territorial, uma educação semiótica.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. São Paulo: Editora 34, 1999.

SIMONDON, Gilbert. *A individuação à luz das noções de forma e de informação*. São Paulo: Editora 34, 2020.

SIMONDON, Gilbert. *Du mode d’existence des objets techniques*. Paris: Aubier, 1989.

NOTAS

- 1 Cabe lembrar que a crítica de Simondon (1989) ao hilemorfismo atinge, mais que a insuficiência no representar a técnica, a insuficiência da técnica como paradigma para pensar a individuação. A sua tese complementar quer responder à idolatria tecnocrática que ronda as máquinas como para distribuir o fetiche e o medo. O tecnocrata esquece que a técnica caminha em composição com outras modalidades do pensamento e segundo singularidades ecológicas. Nem por isso a técnica vai a escanteio; o movimento de reportar o pensamento figural a seu plano produtivo só devém possível a partir de uma atenção minuciosa às atuações maquinicas, que vislumbra disputar o sentido de uma composição tecnogeográfica por vir.
- 2 Em seu belíssimo livro sobre Bergson, Gilles Deleuze (1999, p. 70) escreve: “Por que não contentar-se com dois fluxos, minha duração e o voo do pássaro, por exemplo? É que dois fluxos jamais poderiam ser ditos coexistentes ou simultâneos se não estivessem contidos em um mesmo e terceiro fluxo”.
- 3 “[A] realidade psíquica não está fechada em si mesma. A problemática psíquica não pode se resolver de maneira intraindividual” (SIMONDON, 2020, p. 242).
- 4 Note-se que “emoção sem ação” descreve, na tese sobre a individuação, tanto a fé quanto o sentimento de angústia, marcadamente cristãos.
- 5 Embora não figure na tese sobre a individuação, despontando em redação tardia dedicada a Jacques Derrida, a noção de tecnoestética intui a coesão diagramática que as sensações desenvolvem enquanto significam.
- 6 “Assim como, em topologia, as distâncias não existem, em cronologia não há quantidade de tempo. Isso de modo algum significa que o tempo da individuação vital seja contínuo, como afirma Bergson; a continuidade é

um dos esquemas cronológicos possíveis, mas não é o único; esquemas de descontinuidade, de contiguidade, de envolvimento, podem ser definidos tanto em cronologia quanto em topologia” (SIMONDON, 2020, p. 341).

- 7 Embora certamente conhecesse a distinção entre cronos, kairós e aión, Simondon não integra ao seu fazer filosófico essa tripartição temporal, recorrendo ao ápeiron de Anaximandro para uma concepção do ilimitado.
- 8 “[P]orque seu domínio é de relação, e não de possessão, ele [o pensamento] só pode ser constituído por aquilo que ele constitui” (SIMONDON, 2020, p. 415-416).

Artigo recebido em: 12 de março de 2021.

Artigo aceito em: 21 de julho de 2022.